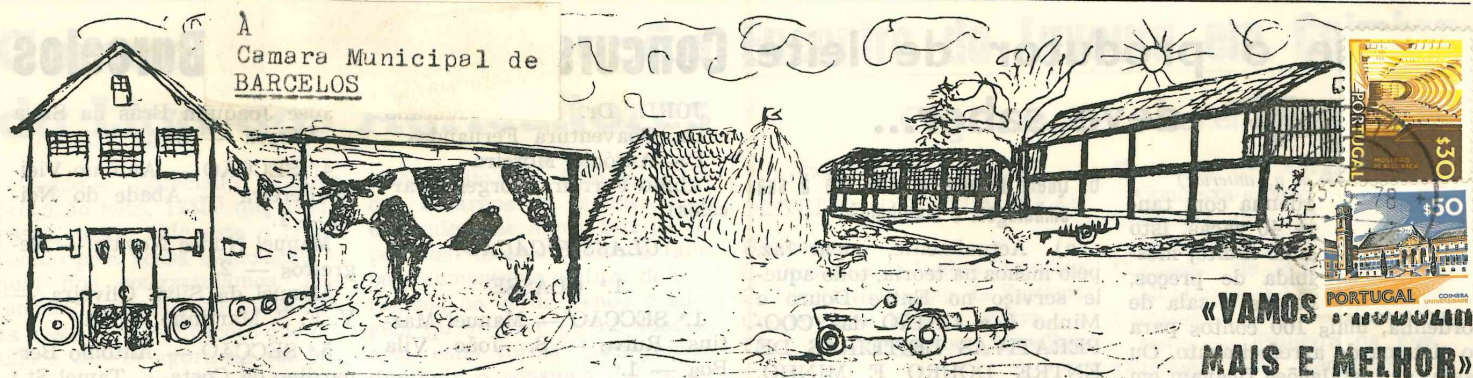




A VOZ DO LAVRADOR

EDITORIAL

A Carestia e a Agro-78 — Braga

O aumento das rações foi compensado pelo leite para 12\$00 por litro de leite A, a carne também aumentou, mas como o gado ainda não faz uso do escoamento organizado, portanto, é a mesma coisa como se não existisse, a compensação não deve cair na mão do Tratador.

Como de costume o aumento deve parar em mãos alheias. No sector da maquinaria, «A Voz do Lavrador» foi à Agro-78, e realmente está já numa fase adiantada a construção do tabuleiro da Agro-Norte equipado com instalações modernas, apropriadas para exposição de toda a indústria destinada à Agricultura, salões de colóquios, este ainda provisório. Pois vamos na apreciação do mundo da maquinaria, era o dia 16, Domingo de tarde os lavradores e não só, passeavam e metiam a cabeça quase em todas as casas que expunham, o ar era pouco alegre, olhares esquivados e ouvidos de mercador era o desafio à ânsia de quem quer vender.

Nós lavradores vimos e vemos e só quem não quiser ver, ali e noutros lados como estes, o estrangeiro quase cem por cento estrangeiro, com as suas subidas galopantes nos tractores e em todas as máquinas em geral, não falando nos consertos e preços de óleos, etc.

São estes agentes os principais culpados da nossa desgraça.

Um agricultor com exploração familiar já não pode comprar um tractor. Nestas coisas estão entrincheirados os principais militantes da CAP do negócio de máquinas. É a CAP capaz de defender as explorações familiares com esta mão?

Encaminhador do estrangeiro não serve agricultura, atraiçoa-a com cara de riso. É hora de perguntarmos quando se fabricam tractores em Portugal, e peças? Quando é que as montadoras Pachanchi deixam de ir à Itália receber autorização para serem vendidos em Portugal? Será que o estrangeiro não nos deixa fabricar máquinas? Na Agro-78, no dia do produtor do leite, no colóquio e mameio de gado, foi passado um filme com o título «Os Frisões do Futuro», uma raça de vacas leiteiras Inglesas, novilhas e reprodutores.

Vimos no filme uma propaganda daquela raça que não dizemos que seja má, contudo, o que nós sabemos é que têm sido importadas novilhas da Holanda e da Inglaterra e têm sido um fracasso, os guinchos são de várias ordens de produção baixa e de fraca adaptação ao clima. Para que teimar na propaganda e na importação? Porque não seleccionar em Portugal?

Falámos atrás em tractores e não falo no Sr. Manuel Dias, de de Rio Covo, S. Baía, que numa agência de tractores me dizia: «vim para comprar um tractor, pois preciso dele. Custa quatrocentos contos, com juros a vinte por cento ou coisa parecida. Preciso dele mas não sei, decerto não querem que nós compreemos, isto é uma roubalheira. Já que falamos em roubalheira diremos que no dia 13 de Abril, perto de Barcelos, em Gamil, uma brigada da GNR quantos tractores passavam quantos comiam e a carros ligeiros uma chapelada. Será que serão só os agricultores a pagar a crise? Só se multa quem trabalha!

0 25 de Abril

e os Agricultores do Norte

O 25 DE ABRIL de 1974, que acabamos de festejar o Quarto Aniversário.

Para os lavradores foi uma esperança gravada na palavra de ordem que em todos os cantos deste país, se fazia ouvir bem alto «REVOLUÇÃO PARA A CLASSE MAIS DESFAVORECIDA» todo o povo Português.

A classe desfavorecida se encontrava em festa, nós Agricultores vemos na revolução uma esperança, uma alegria que nem todos compreendem.

Não nos podemos esquecer que a classe desfavorecida pertencia aos pequenos e médios agricultores.

Os grandes Agricultores não gostaram da conversa e então logo se preocuparam em tentarem fazer com que Portugal regressasse ao 24 de Abril, 74.

Os partidos por sua vez, também falaram muito na classe

desfavorecida e depois uma parte deles levaram uma rolha à boca. Nós, agricultores, continuamos a ser uma classe desfavorecida, enquanto todas as grandes empresas agrícolas têm todas as facilidades dos albonos, dos subsídios, até mesmo nos empréstimos.

Ao passar na Agro 78 em Braga, todos os Agricultores repararam nas exposições dos Bancos por eles só fornecerem às grandes empresas Agrícolas.

Mas tendo enfrentado muitas dificuldades, os agricultores agora mais do que nunca acreditam que o 25 de Abril foi bem vindo e, o que não foi bem aceite, foi o sectarismo divisionista que virou os agricultores uns contra os outros e que agora nos propõem uma tarefa árdua mas possível. Mas ao lado da Liberdade alcançaremos a união por nós tão desejada.

Que tipo de Agricultura temos na nossa região

A nossa terra é uma terra fértil, por isso mesmo se tornou uma agricultura intensiva, sai uma cultura prepara-se nova sementeira, está sempre em produção, com rotações diferentes consegue-se ter a terra, quando bem tratada num estado fértil e boa de manear. Em contra-

partida quando o lavrador trata mal, e o que acontece na maioria das casas, a terra enche-se de gramão, junco na mais húmida, mato, silvas, quer isto dizer, que a nossa terra não gosta de estar parada, mesmo quando se faz uma folha de

(continua na página 4)

O que o produtor de leite deve saber...



(Continuado do n.º anterior)

uma sala de ordenha com tanque de frio para 40 vacas. Isto hoje custa, quando muito, mesmo com a subida de pregos, cerca de 200 contos a sala de ordenha, mais 100 contos para o sistema de arrefecimento. Ou seja, as instalações ficavam em 300 contos.

Ora se o Estado concede um subsídio de 80%, isso significa que as instalações custariam aos produtores apenas 60 contos, pois os restantes 240 são pagos pelo Estado.

Uma sala de ordenha com 40 vacas dá uma produção média de 400 litros de leite por dia e 146.000 por ano — leite da melhor qualidade, ou seja, leite A.

Dando o Estado um subsídio de \$60 por cada litro de leite tirado nestas condições, se se destinar \$30 para o pagamento dos 60 contos (multiplicando esses \$30 pela produção anual do leite), concluímos que, em menos de dois anos, a sala de ordenha fica completamente paga. E esse leite rende aos produtores 9\$10 por litro até a sala ficar toda paga. Depois passa a render os 9\$40, como já vimos atrás.

Isto é muito importante, particularmente para os produtores onde não há cooperativas leiteiras. Eles devem juntar-se e fazer cooperativas concelhias e, se tiverem condições, fazerem a recolha e concentração por sua conta.

5. Subsídios para a recolha, Transporte, Concentração, Tratamento e Distribuição do Leite

a) O leite depois de entregue nos postos de recepção, é recolhido por camiões em bilhas ou tanques, e transportado para os postos de concentração. Depois ou é tratado e distribuído ao público ou é fornecido para a indústria de laticínios.

b) O Estado, para além dos subsídios já referidos, concede ainda uma verba de 1\$30 por litro à organização que recolhe, transporta e concentra o leite. E dá ainda mais 2\$10 por litro para tratamento, embalagem e distribuição final.

6. Quem recolhe o leite até à sua embalagem e distribuição

a) Actualmente, quem faz, pelo menos na teoria, todo aquele serviço no Entre Douro e Minho é a UNIAO das COOPERATIVAS LEITEIRAS DE ENTRE DOURO E MINHO, mais conhecida por UNIAO de VILA DO CONDE, onde tem a sede, e por isso é responsável pela qualidade do leite até ao Centro de Tratamento.

Por este serviço de recolha, transporte e concentração, recebe a UNIAO os tais 1\$30 por cada litro de leite.

b) A União tem camiões e serviços próprios para recolher o leite em alguns concelhos; mas noutros ela entrega esses serviços a industriais das zonas, pagando a eles os subsídios que o Estado dá para o efeito. Vejamos quem são:

— Lacticínios Ancora, Lacto-Vianense, Lacto-Lima, Lacticínios das Marinhãs, Lacticínios Hallos, Valpedre, Peres Sousa e Campos (Quinta do Paço) e SUIL.

c) Considerando que, em 1976, a produção de leite na chamada região de Entre Douro e Minho foi de 106 milhões de litros, ou seja, uma média de cerca de 300 mil por dia, isto significa que a verba que o Estado suporta, só para a recolha, transporte e concentração, é de cerca de 390 contos por dia, de que a UNIAO de Vila do Conde receberá cerca de 90%, ou seja 340 contos/dia.

d) Logo que o leite chega à União ou ao Centro de Tratamento, é tratado (pasteurizado), embalado e distribuído. Para estes serviços o Estado concede mais 2\$10 por litro, como já dissemos.

e) Como se pode ver, é o Estado, o Tesouro Público, quem paga a diferença entre o valor do custo da produção e distribuição do leite e o preço pelo qual este é vendido ao consumidor — 7\$00.

Assim, todo o leite produzido em Portugal e para consumo público, da ordem dos 500 milhões de litros por ano, representa um encargo de cerca de 2 milhões de contos para o Tesouro Público.

(Continua no próximo n.º)

Concurso Pecuário de Barcelos

JÚRI: Dr. César Toscano
Dr. Boaventura Fernandes
Dr. António Moreira
Abílio Ferreira Borges (Barcelos).

José Joaquim Brás da Silva — Várzea — 3.º

4.ª SECÇÃO — António Vieira Pereira — Abade do Neiva — 1.º

Manuel Nunes Novais — Negreiros — 2.º

Manuel da Silva Oliveira — V. F. S. Martinho — 3.º.

5.ª SECÇÃO — António Bernardino da Costa — Tamel St.ª Leocádia — 1.º.

2.ª CLASSE

1.ª SECÇÃO — António Pires Tomé — Carapeços — 1.º
Jerónimo Pires Tomé — Tamel St.ª Leocádia — 2.º
Amadeu Pinho da Costa — Minhotães 3.º.

2.ª SECÇÃO — José Caridade da Rosa — Cossourado 1.º

Helena P. Araújo Campos — Monte Frales 2.º

Abílio Correia — S. Bento — Arcozelo — 3.º

João de Oliveira Novais — Negreiros 4.º

João Pinho da Costa — Minhotães 5.º

Manuel Alves F. da Cunha — Alheira — 6.º

José Dias da Silva — V. F. S. Martinho 7.º.

2.ª CLASSE

3.ª SECÇÃO — José Caridade da Rosa — Cossourado 1.º

Adelino Fernandes — Milhazes — 2.º.

4.ª SECÇÃO — a) — Abílio Ferreira Borges — Pontes — S. Veríssimo 1.º

Adelino da Silva Figueiredo — Abade do Neiva 2.º.

b) — Augusto da Silva Barbosa — S. Miguel da Carreira — 1.º.

Júlio Serra — Góios — 2.º

Augusto Lopes de Campos — Várzea — 3.º.

Sr. Lavrador

Senhor lavrador, se não tem silo, não deixe de semear milho, tratada, para fino, ou para comum e em verde. De qualquer forma deve adubar bem, não só aumentará a quantidade, como também, bem tratada produz mais leite, não desanime você se produzir mais, terá melhor vida, é ter mais dinheiro. Atenção à milharada para feno, como leva espigas, torna-se necessário a compra de remédio dos ratos, o remédio chama os ratos, não é preciso introduzi-lo no meio da palha.

Festas das Cruzes de Barcelos

É pena que tão grandiosa manifestação popular como é o cortejo etnográfico fosse só representado por trinta freguesias, e não só isso, também é pena que casas industriais em vez de mostrarem arte fossem encher monte para aproveitarem uma rica altura de publicidade dos seus negócios. Mas com estas gralhas todas foi sempre o melhor da festa para a lavoura, nos serviços de linho faltava o cedei-

ro, pois o cedeiro, é importante. Uma nota bastante curiosa, os fornos das Carvalhas, o carvão de madeira que no tempo das últimas guerras era a principal energia tanto de aquecimento como de cozinha, hoje tem lugar no aquecimento, e no frango de espeto, é assim produzido.

Nota-se as bouças, são todas deles, e não é nenhuma, mas quem come o frango de espeto não são eles.

LEIA E DIVULGUE

O Boletim Informativo

A Voz do Lavrador

(A paragem em continuação)

Comunicado da Direcção da Liga dos Agricultores

Tendo-se apreciado o novo preço do leite, 12\$50 que ainda passa, tendo sido este o preço pedido pela nossa associação, o qual nos congratulamos. Entendemos depois de satisfeita as nossas reivindicações que estamos melhor agora do que antes (com os preços do leite e rações) não há dúvida que também subiu a ração. Por isso entendemos aconselhar a Lavroura ao seguinte:

— Na nossa região tendo o leite um escoamento organizado, sendo o leite o produto que melhor receita nos dá, primi-

tindo assim fazer face aos grandes encargos da lavroura, não em tudo mas numa boa parte, por isso mesmo devemos também aumentar a cultura de forragens, de verde, feno e silagem quem tiver possibilidades, com esta forma conseguir-se diminuir o consumo da ração, para metade. Quanto a batata enquanto não tivermos escoamento organizado e contínuo, preço justo, aconselhamos grever de sementeira, portanto semear metade. No entanto continuamos a luta pela sua organização.

A Liga Informa

1.º — Anunciamos no nosso último número, os nomes dos directores regionais, acontece que neste momento foram nomeados novos directores, desconhecendo-se neste momento os nomes.

2.º — *Horário da sede da Liga* — Para melhor servir os associados desta liga, a nossa sede passa a ter um horário para dar informações necessárias.

Todos os dias das 14 às 16 horas.

3.º — *Lavradores de Famação em visita à nossa Associação* — Na primeira quinta-feira de Abril, chegaram à nossa sede na Avenida da Liberdade, uma delegação de lavradores, para apreciarem o nosso trabalho e trocarem impressões sobre o papel da Associação na Agricultura Portuguesa.

Por as suas posições serem idênticas às nossas, mais uma vez, ficou bem patente e claro a necessidade de uma união, de todos os lavradores, dispostos a pôr de parte as embirrarias partidárias, e unirem-se num objectivo único que é a defesa da nossa classe.

4.º — A Junta Nacional das Frutas, das mil e quinhentas toneladas de batata que têm para receber em Barcelos vai receber mais 550 toneladas, nota-se tinham recebido um contingente de 140 toneladas, aguarda-se que sejam recebidas todas as batatas inscritas na Cooperativa.

5.º — *Atenção Agricultores* — O pagamento dos subsídios de Máquinas Agrícolas de 1974 estão-se a fazer em Barcelos.

Foi também deliberado a Liga continuar a sua linha de independência em relação a partidos.

A Feira Semanal de Barcelos

Barcelos é uma cidade com a cabeça pousada na margem do Rio Cávado, mas nem por isso deixa de ser camponesa. É uma cidade alimentada pela agricultura e turismo, a feira semanal é a base da sua sobrevivência.

A feira é composta por populares vindos de todo o Concelho e não só, não nos podemos esquecer que Esposende partilha com um bom naco, mas o que é certo, é que sendo os agricultores os pais da cidade, não deixa de andar aos pontapés dela. Aparece qualquer coisa de novo, são logo mandados para outra banda.

Por outro lado não existe um campo concreto para a feira, para Barcelos o que interessa é que tragam os alimentos para vender. Aqui aproveitamos para chamar atenção à Câmara e da Assembleia Municipal para este problema que tanto afecta os agricultores. Nós necessitamos de uma feira mais organizada pois ela é o nosso recurso para fazer face às despesas de emergência que constantemente nos aparece.

Encontro da Lavroura em Coimbra

Organizações aderentes

(Continuado do n.º anterior)

DISTRITO DE VILA REAL

Boticoop
C. Directivo de Balbio Dornelas
C. Directivo Baldio de Serdedo
Cooperativa Ribeira Terva
Liga dos Agricultores de Chaves
C. Directivo de Baldio de Atei
Liga dos Agricultores de Montalegre
Cooperativa Vento Norte
C. Directivo de Baldio Valongo de Milhais
Comissão de Rendeiros da Persegueda
Liga da Régua
Casa do Povo de Vilarinho de Freires
C. Directivo de Baldio de Canedo
Casa do Povo de S. João de Lobrigos
C. Agricultores de Vila Pouca de Aguiar
C. Directivo de Baldios de Vreira de Jales
C. Directivo de Baldio Cerdeira de Jales
C. Directivo de Baldio Cidade-lhe de Aguiar
C. Directivo de Baldio de Alfarela de Jales
C. Directivo de Baldio Barbadões de Baixo
C. Directivo de Baldio Cidade-lhe de Jales
C. Directivo Baldio Sangui-nhedo
C. Directivo Baldio Campeã
C. Directivo de Baldio Bordelo
Casa do Povo de Espariz e Cinde
Casa do Povo de Friumes
Casa do Povo da Lousã
Casa do Povo de Maiorca
Casa do Povo de Meda de Mouros
Casa do Povo de Sebal Grande — Condeixa
Casa do Povo de Soure
Casa do Povo de Vila Nova de Poiares

Comissão de Agricultores de Condeixa-a-Nova
Comissão de Agricultores de Miranda do Corvo
Comissão de Agricultores de Montemor o Velho — Mapru
Comissão de Rendeiros de Lares — Figueira da Foz
Comissão de Rendeiros de Lousã
Comissão de Rendeiros de Santa Clara
Comissão de Rendeiros do Sobreiro — Condeixa
Comissão de Rendeiros de Tábua
C. Directivo dos Baldios de Aldeia das Dez
C. Directivo de Candal
C. Directivo dos Baldios de Ceira dos Vales
C. Directivo dos Baldios da Lousã
C. Directivo dos Baldios de Cernelha
C. Directivo de Baldios Videira do Sul — Mira
Cooperativa dos Agricultores de Alvoco das Várzeas
Cooperativa Agrícola do Bebedouro
Cooperativa de Produção Pecuária de Benfeita
Cooperativa Agrícola de Cantanhede
Cooperativa Agrícola de Condeixa-a-Nova e Penela
Cooperativa Agro-Pecuária de Freira
Cooperativa Agrícola dos Lavradores de Vale do Mondego
Cooperativa Agrícola do Concelho da Figueira da Foz
Cooperativa Agrícola do Concelho da Lousã
Cooperativa de Miranda do Corvo
Cooperativa Agrícola Mirense
Cooperativa de Produção Agro-Pecuária Sol Nascente
Cooperativa Agrícola de Soure
Liga de Pequenos e Médios Agricultores de Montemor-o-Velho

(Continua no próximo n.º)

Quero assinar

A VOZ DO LAVRADOR

Nome _____

Morada e Freguesia _____

Concelho _____

PREÇO DE ASSINATURA ANUAL . . . 60\$00

Envie este impresso à Redacção acompanhado do valor correspondente à Avenida da Liberdade, 48-3.º — Barcelos

Ministros ou Agricultura, Que tipo de Agricultura temos sr. Casqueiro? na nossa região

Hoje a maior preocupação de todos os lavradores, é o preço dos produtos e o escoamento dos mesmos, assim como a qualidade da vida social, no que diz respeito às reformas, abonos de família, etc.

Enquanto para nós o que está em causa é o bem social de todos os lavradores, o Sr. Secretário Geral da CAP (Casqueiro), preocupa-se mais em derrubar Ministros. Segundo ele próprio afirmou no Algarve em S. Bartolomeu de Messines, têm um plano para derrubar o Ministro da Agricultura e Pescas. Cabe-nos aqui chamar a atenção de todos os lavradores para o seguinte:

A CAP foi quem apoiou a lei das Bases Gerais da Reforma Agrária, que ele próprio a baptizou, com o nome Lei Bartolomeu de Messines, e onde se destacava para nós um mau serviço que era a lei 67/77, do arrendamento Rural.

Sabe-se muito bem que a CAP é formada por engenheiros Agrários, regentes Agrícolas que pretendem, nada mais do que fazer agricultura de Gabinete, os lavradores vêm neles uns fidalgos, nós sentimos um vazio, eles não têm patrão, eles são como a Garfa que sai da cortiça, sem mestra, é isto que a CAP é a garfa sem mestra, não sabem o que é que querem, nada está bem. Portanto palavras loucas, orelhas moucas.

Nós que trabalhamos a agri-

cultura queremos paz, não queremos lutas entre caseiros e senhoriais, nem proprietários uns contra os outros, desejamos é estabilidade para que se possa produzir. Também não nos preocupamos em saber se é A ou B que governa o País, o que desejamos é que sejam satisfeitos os nossos interesses e o bem de PORTUGAL.

Vêm aí as mamites

Com o calor a infecção ataca os úberes das vacas, são as irritações internas, e externas que provocam as mamites. As moscas, o calor, mudanças bruscas de alimentação, provocação nervosa através de porrada, gritos agudos, sobretudo quando estão a ser mungidas, tudo o que facilite o mal-estar do animal pode conduzir à mamite.

Você não deve deixar mamar os vitelos, enquanto colostro, atenção, o vitelo tem que tomar o colostro, o colostro é um xarope, muito rico em vitaminas aos primeiros dias de vida do vitelo, portanto o leite amarelo tem de o dar, ou mamando ou tirando, e dá-lo, no balde, esta forma é melhor por duas razões, primeiro o vitelo não estraga o úbere, à vaca. Segundo, é melhor de habituar ao leite em pó; há, a vender na Cooperativa, em Barcelos.

A Central de União de Lavradores um objectivo a atingir

São já muitos os lavradores, que mostram o desejo de participar na construção de uma união de lavradores, não só do concelho de Barcelos como doutros concelhos. Os agricultores não querem ser conduzidos por ninguém, alheio à agricultura queremos ser independentes. A Voz do Lavrador é o meio de

transmissão da força da união, na busca de um projecto para a união de todos os lavradores, em defesa das nossas casas de lavoura e de toda a nossa política agrícola.

Vamos ter uma reunião de trabalho com data e local a marcar para o estudo da política Agrícola e da união que pretendemos alcançar. Nós não queremos ficar só a criticar o Estado, porque o estado também somos nós e por isso também estamos a criticar-nos a nós próprios.

É útil criticar, mas não é menos útil, participar, propor e ajudar a construir Portugal.

(Continuado da pág. 1)

prado com trevos, ou azevém verdial, os técnicos aconselham e garantem uns poucos de anos em bom estado de produção. Na prática isso não acontece, e tem conduzido as agriculturas ao desânimo e são muito escassos os prados na região.

O prado produz bem o primeiro ano, depois endurece demasiado a terra, sendo impraticável a água e os fertilizantes, para os que tratam bem, para os que tratam mal, então pior. Queremos com isto tudo dizer que estamos no minifúndio portanto, na agricultura intensiva e limitada, e com um clima diverso.

Na intensidade não se pode copiar em nada com o estrangeiro, portanto somos diferentes ao ambicionarmos uma cópia, caímos no erro.

Nós entendemos a densidade da seguinte forma:

Somos uma cidade camponesa, porque o urbano confunde-se com o rústico, os caminhos são tantos como os passageiros, os montes, os regatos e ribeiros, tudo isto limita-nos e nos obriga a sermos o que somos.

Com esta forma de exploração obriga um peso muito grande de gente, isto é, muita mão de obra. Quando se deu, o surto de abandono da terra, pelos melhores braços, motivado pela injustiça de preços, e condições de vida, que aliás a hemorragia não estancou.

A terra tem sido trabalhada com muita dificuldade pois que muitas explorações laboram com carências enormes de mão de obra, a mão de obra paga a dias, falta e não está preparada, pois tem enormes dificuldades para executar qualquer trabalho como também não se interessa, nem sente responsabilidade naquilo que faz, tornando-se um trabalho infrutífero. Os técnicos tentam copiar modelos, pelo estrangeiro, na tentativa de dar remédio a toda esta doença, (é o que tem feito até aqui). Não teimem mais! O remédio está aqui mesmo à vista, nos pontos que em forma de plano, que vão ser desenvolvidos e apresentados ao director regional pela Liga dos Agricultores de Barcelos, com as seguintes bases para explorações familiares.

1.º — Terra — terra própria — terra própria e arrendada (mista) e terra só arrendada (caseiro) e mão de obra, e crédito.

2.º — Acessos à terra (caminhos Câmaras).

3.º — Mecanização da terra, cooperativas e pequenas sociedades.

4.º — Abastecimento de produtos para a (terra) Cooperativas, e pastos.

5.º — Rega, Cooperativas de rega por aspersão e outros tipos de rega, as Cooperativas de rega serão melhor definidas, mas terão como base principal a partir de 10 agricultores sócios instalarem num rio, supor-nhamos como o Cávado, uma instalação de bombagem com derivações para os prédios dos sócios, e onde não for possível do rio, em perfurações e também em armazenamento de águas e pequenas barragens.

6.º — Pregos para o produtor e técnicos agrícolas.

7.º — Instalações Agrícolas.

8.º — Subsídio de perda de colheita e seguros.

9.º — Escoamento dos produtos organizado e Pinhal.

10.º — Qualidade de vida, e assistência social e tempos livres.

Depois destes dez pontos de base que vão ser enriquecidos pela comissão de estudo. Pensamos ir encontrar remédio para os problemas da nossa agricultura, pois que é só com a vontade da massa popular agrícola e não contra e'a, que se consegue sair das baixas produções, e do mal estar da nossa agricultura. Nós não queremos emparcelamentos, nós não queremos estar sujeitos uns aos outros, queremos ser livres e organizados, queremos fazer a terra produzir, que é a nossa função.

Aquele agricultor, que depois de satisfeitas as condições de exploração se abstenha de fazer a terra produzir, é indigno de ser agricultor.

Dizemos em cima que queremos ser livres, queremos dizer, livres de sujeição no trabalho e no direito pela propriedade, mas gostamos da cooperação portanto, das cooperativas, em todos os outros sectores.

O que queremos é pessoas à frente delas competentes.

Director:

JOSÉ FERREIRA DA SILVA LOUREIRO

Redacção:

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 48 3.º
(Sede da Liga) — BARCELOS

Composto e Impresso na

COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

Ex. 1.000 — Preço 6\$00